

## INSETOS NO FOLCLORE DA COMUNIDADE DO RIBEIRÃO DA ILHA, FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL

MÔNICA ANTUNES ULYSSÉA<sup>1,2</sup>, NATALIA HANAZAKI<sup>2,3</sup> & BENEDITO CORTÊS LOPES<sup>1,2</sup>

<sup>1,2</sup>Laboratório de Biologia de Formigas, Departamento de Ecologia e Zoologia, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário – Trindade, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil (monicaulyssea@gmail.com)

<sup>3</sup>Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, Departamento de Ecologia e Zoologia, CCB da UFSC.

**(Insetos no folclore da comunidade do Ribeirão da Ilha, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil)** – Este estudo registrou credences e brincadeiras da Ilha de Santa Catarina, cujos personagens principais são os insetos. O estudo foi realizado por meio de dois caminhos metodológicos: pesquisa bibliográfica sobre credences açorianas e aplicação de entrevistas semi-estruturadas com 50 moradores da comunidade do Ribeirão da Ilha. O folclore local acerca dos insetos é extremamente rico, sendo registradas credences e brincadeiras principalmente com insetos das ordens Coleoptera, Diptera, Hemiptera, Lepidoptera, Mantodea, Odonata, Orthoptera e Phasmatodea.

**Palavras-chave:** Conhecimento tradicional, etnoentomologia, credences, uso lúdico.

**(Insects in the folklore of the community of Ribeirão da Ilha, Florianópolis, Santa Catarina, Brazil)** – This study recorded beliefs and plays from Santa Catarina Island where insects were the main personages. The study was developed through two methodological ways: bibliographic research on Azorian beliefs and the application of semi-structured interviews with 50 residents of Ribeirão da Ilha Community. The local folklore related to insects is extremely rich, being registered beliefs and plays with insects of the Orders Coleoptera, Diptera, Hemiptera, Lepidoptera, Mantodea, Odonata, Orthoptera and Phasmatodea.

**Key words:** Local knowledge, ethnoentomology, beliefs, ludic used.

### INTRODUÇÃO

A Etnobiologia é a ciência que atua no espaço de interação das populações humanas com os diversos recursos naturais dos ecossistemas que as incluem, buscando entender as atitudes culturalmente estabelecidas a partir deste contato (POSEY, 1987a). Considerando que os indivíduos vivenciam experiências particulares que, possivelmente, irão afetar o julgamento e a percepção sobre um mesmo recurso do ambiente, o estudo em Etnobiologia trabalha fundamentalmente as percepções individuais e coletivas sobre o ambiente e os recursos.

Cerca de 1 milhão de espécies de insetos já foram descritas, mas estima-se que este número possa variar de 3 a 4 milhões (GULLAN & CRANSTON, 2008). Estes mesmos autores afirmam que os insetos são essenciais aos ecossistemas porque realizam funções ecológicas importantes, como: ciclagem de nutrientes, dispersão de fungos e sementes, polinização, fonte direta de alimento e controle de populações de plantas e de animais.

O modo como distintas sociedades e/ou etnias percebem a grande diversidade de insetos propicia a instituição de atitudes que direcionam o tipo de relação a ser estabelecida entre as populações humanas e estes invertebrados. A Etnoentomologia compreende o estudo dos conhecimentos que as pessoas têm sobre os insetos.

A acumulação desses saberes e a troca de informações por várias gerações podem resultar na organização de um conhecimento biológico localmente construído, e a significância deste conhecimento dependerá

dos tipos de empregos dados ao recurso, da possibilidade de uso múltiplo e de se obter benefícios, da frequência do uso e do simbolismo apresentado (PAGAZA-CALDERÓN *et al.*, 2006).

De acordo com NAVARRO (2006), em todo o mundo existem referências da presença dos insetos no pensamento mágico e religioso de muitas culturas e eles foram integrados ao folclore. Para FERNANDES (1989), o folclore pode ser entendido como um ponto de vista especial, que permite observar e descrever uma realidade. Um fato folclórico é toda maneira de sentir, pensar e agir que constitui uma expressão peculiar de vida de qualquer coletividade humana integrada numa sociedade, como, por exemplo, as credences, os mitos e as lendas. Para POSEY (1987a), grande parte do saber pessoal, e também comunal, encontra-se codificado nos mitos e nas lendas. O folclore brasileiro, e de tantas sociedades humanas, é rico na criação de credences envolvendo os insetos. Durante os séculos XVI e XVII, estes animais foram a fonte para a construção de monstros zoomorfos, como bruxas que viravam borboletas, e de crenças, como a cegueira provocada pelo pó das asas das mariposas (DEL PIORRE, 2000 apud COSTA NETO, 2004).

Estes conhecimentos, que há anos são passados oralmente por várias gerações, estão se perdendo devido, principalmente, às mudanças socioeconômicas pelas quais passam uma comunidade, ao não uso/prática dos conhecimentos, à falta de interesse e curiosidade das gerações mais jovens e à massificação e dominação de uma cultura sobre a outra (SANTOS-FITA *et al.*, 2006).

A estes fatores, soma-se o número escasso de registros referentes à cultura da população que vive na Ilha de Santa Catarina. Além disso, tem-se a crescente descaracterização desta população provocada pelo grande crescimento urbano de Florianópolis. Todos estes fatos configuraram um cenário onde um estudo etnoentomológico pode ser o instrumento para a realização de um resgate da cultura local.

Cabe ressaltar ainda que os termos Manézinho ou Ilhéu são utilizados para caracterizar àqueles que nasceram e vivem na Ilha de Santa Catarina, cuja influência cultural predominante é dos imigrantes do Arquipélago de Açores (PEREIRA, 2003). Neste trabalho, a palavra “açoriano” faz referência àqueles que nasceram e vivem no Arquipélago de Açores.

O objetivo geral deste trabalho é realizar um resgate histórico de parte do folclore da Ilha de Santa Catarina, com ênfase em suas crendices e brincadeiras ligadas aos insetos, em uma de suas comunidades mais antigas, o Ribeirão da Ilha.

## METODOLOGIA

### Área de estudo

O distrito do Ribeirão da Ilha situa-se no sul da Ilha de Santa Catarina, município de Florianópolis e possui uma área total de 51,54 km<sup>2</sup> abrangendo dez localidades (IPUF, 2009). O estudo foi realizado nas três localidades mais antigas do distrito: Barro Vermelho, Freguesia do Ribeirão da Ilha e Costeira do Ribeirão (27°43'46" S-48°33'37" W), compreendendo 666 casas (Fig. 1).

A vila do Ribeirão da Ilha não tem uma data precisa de fundação. Do ponto de vista oficial, foi instituída em 1809 a partir de um processo que teve início em 1526 quando Sebastião Cabotto, a serviço da Espanha, chegou ao sul da Ilha, junto a um riacho chamado Ribeiraco, pelos indígenas, e aí permaneceu e construiu uma capela (PEREIRA, 2003).



Fig. 1. Localização da comunidade estudada. Modificado de MELO (2008).

Nesta época, o Ribeirão já contava com cerca de 1.200 moradores e, com o seu desenvolvimento, tornou-se o centro de atividades comerciais e extrativistas do sul da Ilha, com base na pesca e agricultura (plantio de mandioca, cana, milho, feijão e café), além de abrigar engenhos de açúcar, aguardente e mandioca (IPUF, 2009).

Atualmente, a comunidade do Ribeirão totaliza 18.586 habitantes, ou 5,86% da população da Ilha de Santa Catarina (IBGE, 2009), e já não apresenta mais este perfil de lavradores e pescadores. Hoje, o local é conhecido nacionalmente pela intensa atividade de cultivo de ostras e mariscos, iniciada por volta de 1995. Mesmo com as alterações mais recentes, provocadas pela ocupação crescente, a localidade ainda conserva características da presença açoriana no linguajar, na confecção da renda de bilro, na manutenção de costumes tradicionais como a Folia dos Reis e a Festa do Divino Espírito Santo, na arquitetura dos casarios e da Igreja Nossa Senhora da Lapa (IPUF, 2009).

### Procedimentos de coleta e análise dos dados

Para a coleta de dados foram utilizadas metodologias complementares. Foi feita pesquisa bibliográfica histórica em distintos órgãos, incluindo a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, Biblioteca Pública do Estado, Biblioteca Universitária e Museu da Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Estudos Açorianos e Casa dos Açores – Museu Etnográfico e Museu Histórico de Santa Catarina. Estas pesquisas tiveram o intuito de buscar na literatura registros da cultura que abordam o universo de conhecimento do Manézinho sobre os insetos.

Para a técnica de entrevistas (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004), as saídas de campo ocorreram entre agosto e outubro de 2007. As entrevistas foram baseadas em um roteiro previamente estabelecido com perguntas semi-estruturadas, que apresentava questões básicas definidas, mas com possibilidade de explorá-las de diversas formas, adaptando-se a cada entrevistado. O roteiro continha três partes: o perfil do informante, a caracterização dos insetos e a observação de 28 imagens, sendo 19 de insetos – abelha (Hymenoptera, *Apis mellifera* Linnaeus, 1758), barata (Blattaria, *Periplaneta americana* Linnaeus, 1758), besouro (Coleoptera, Scarabaeidae), bicho-pau (Phasmatodea), borboleta (Lepidoptera, *Danaus plexippus* Linnaeus, 1758), cigarra (Hemiptera, *Cicada* sp.), cupim (Isoptera, *Nasutitermes* sp.), esperança (Orthoptera, Tettigoniidae), formiga (Hymenoptera, *Dinoponera australis* Emery, 1901), gafanhoto (Orthoptera), joaninha (Coleoptera, *Coccinella septempunctata* Linnaeus, 1758), lagarta (Lepidoptera), libélula (Odonata), louva-a-deus (Mantodea), maria-fedida ou bicho-frade (Hemiptera, Pentatomidae), marimbondão (Hymenoptera, Vespidae), mosca (Diptera, *Musca domestica* Linnaeus, 1758), pernilongo (Diptera) e paquinha (Orthoptera, Gryllotalpidae) – e 9 de outros animais – aranha (Araneae), cobra [Squamata, Serpentes, *Micrurus corallinus* (Merrem, 1820)], escorpião (Scorpiones), lagarto

(Squamata, Sauria), minhoca (Oligochaeta, Haplotaxida), morcego (Chiroptera), piolho-de-cobra (Diplopoda), rato (Rodentia) e tatuzinho-de-jardim (Isopoda). Todavia, todas as entrevistas foram induzidas com a intenção de fazer os entrevistados recordarem crendices e brincadeiras envolvendo os insetos. Para isto, no início de cada entrevista, era contada uma crendice a cada participante sobre borboleta registrada em uma das entrevistas piloto realizadas no Alto Ribeirão, localidade do bairro Ribeirão da Ilha, que consistia em: “*Borboleta quando entra em casa é porque vamos receber dinheiro logo ou uma carta vai chegar*” (A.E., 60 anos).

Adotou-se como critério de inclusão no grupo amostral por moradores que residiam há mais de 40 anos no local e que queriam participar da pesquisa. A amostragem foi intencional e utilizou a técnica bola-de-neve (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004).

Após a explicação dos propósitos da pesquisa e a concordância do morador em participar, foram anotadas informações sobre o perfil de cada entrevistado, tais como gênero, idade, ocupação e tempo de moradia na região. O registro dos dados deu-se com anotações feitas durante as entrevistas e pela gravação das mesmas.

A metodologia escolhida, entrevistas semi-estruturadas com questões abertas, valoriza uma análise qualitativa dos dados, pois trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças e atitudes, ou seja, informações que não podem ser reduzidas à operacionalização das variáveis (MINAYO, 2003). Além disso, este tipo de análise possibilita a descrição leal e íntegra do resgate histórico das crendices e superstições envolvendo os insetos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 60 contatos feitos junto aos moradores da comunidade, dez se recusaram a participar do estudo e 50 concordaram. Destes, 35 eram mulheres e 15 homens. Apenas seis entrevistados não eram nativos da comunidade do Ribeirão da Ilha, sendo que o mais novo veio morar na comunidade com 15 anos e o mais velho, com 38. Entretanto, todos já residiam na comunidade há 40 anos ou mais.

A maior proporção de mulheres no grupo amostral, certamente, não deve ter sido influenciada pelo horário das entrevistas. Isto porque se variou bastante os dias da semana e o período em que elas foram realizadas. Entretanto, a técnica bola-de-neve pode ter influenciado nesta proporção, pois os entrevistados costumam indicar pessoas do mesmo gênero para serem entrevistadas. Fato este que pode ser constatado ao analisarmos que dos 15 homens entrevistados, obteve-se 10 indicações para a realização de novas entrevistas com homens e 7 para novas entrevistas com mulheres. E das 35 mulheres entrevistadas, foram obtidas 30 indicações para a realização de novas entrevistas com mulheres e 10 para novas entrevistas com homens. Logo, pode-se identificar uma tendência das mulheres indicarem novas entrevistadas mulheres.

As características demográficas dos entrevistados nos permitem descrever o perfil do grupo amostral, que, em sua maioria, foi constituído por mulheres aposentadas e/ou pensionistas com idade entre 71 e 80 anos e cujo tempo de moradia na comunidade variou entre 61 e 80 anos.

Procurou-se focar este grupo amostral nos moradores mais idosos uma vez que a Etnociência, por fazer alusão ao sistema de conhecimento específico de uma cultura, nos leva a identificar este conhecimento naquelas pessoas que há muito tempo estão envoltas nesta cultura, ou seja, nos seus moradores mais idosos. Ponderados estes fatos, explica-se o porquê da concentração da idade dos entrevistados estar entre 61 e 80 anos. A média de idade encontrada foi de 69 anos, tendo o mais novo 45 anos e o mais velho, 87.

Uso lúdico relacionado aos insetos

Todos os entrevistados relataram que o uso lúdico dos insetos foi praticado apenas na sua infância e/ou mocidade. Eles utilizavam formas adultas de diferentes ordens, como a cigarra (Hemiptera), a formiga (Formicidae), a libélula (Odonata), a paquinha (Orthoptera) e o vaga-lume (Coleoptera) em suas brincadeiras (Tabela 1).

POSEY (1987b) registrou o papel desempenhado pelos insetos na vida recreativa de diferentes sociedades, inspirando danças, servindo como instrumentos musicais e brinquedos. A busca de elementos naturais para o divertimento é justificada, em parte, nas poucas condições financeiras apresentadas pelas famílias naquela época (décadas de 1920 a 1970). Como relatou uma dos entrevistados do presente estudo: “*A gente não tinha boneca. Tinha de fazê bagunça com os bichos*” (D., 84 anos).

Observou-se que os entrevistados do Ribeirão da Ilha prendiam as cigarras com uma linha dentro de casa para que elas ficassem cantando pra eles: “*Na época de novembro até janeiro, a gente pegava as cigarras, amarrava suas perninha numa linhazinha que ficava presa numa cadeira ou na árvore de Natal pra ouvir elas cantar*” (E., 76 anos). E para capturar estes insetos, os entrevistados contaram que: “[...] *a gente pegava as cigarras com um puçá que era feito de verga de bambu e coador de café*” (O., 63 anos).

No povoado de Quebrangulo/AL, as crianças costumam ter o mesmo tipo de brincadeira com as cigarras (COSTA-NETO & MARQUES, 2000).

Os entrevistados do presente estudo também afirmaram brincar com as libélulas: “*A gente pegava eles pra brincar de aviãozinho*” (N., 59 anos). Este fato também foi registrado no povoado de Marituba do Peixe/AL, onde as libélulas são conhecidas como zigs-zigs ou caximbaus (COSTA-NETO & MARQUES, 2000).

Tanto as crianças dos dois povoados em Alagoas (COSTA-NETO & MARQUES, 2000) quanto entrevistados deste estudo afirmaram divertir-se com formigas e vaga-lumes:

Tabela 1. Uso lúdico dos insetos pelos moradores do Ribeirão da Ilha, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Inseto	Fase	Uso lúdico	Registro das entrevistas
Cigarra (Hemiptera, Cicadidae)	Adulta	Brincadeira	“Na época de novembro até janeiro, a gente pegava as cigarras, com um puçá que era feito de verga de bambu e coador de café, amarrava suas perninha numa linhazinha que ficava presa numa cadeira ou na árvore de Natal pra ouvir elas cantar” (E., 76 anos; O., 63 anos).
Formiga (Hymenoptera, Formicidae)	Adulta	Brincadeira	“Brincava de botá as formigas pra brigar uma com as outras” (E., 76 anos).
Libélula (Odonata)	Adulta	Brincadeira	“A gente pegava eles pra brincar de aviãozinho” (N., 59 anos).
Paquinha (Orthoptera, Gryllotalpidae)	Adulta	Brincadeira	“Brincava de seguí o carreirinho da paquinha na praia pra mexê com ela” (H., 69 anos).
Vaga-lume (Coleoptera)	Adulta	Brincadeira	“Quando já tava escurecendo, a gente pegava o vaga-lume, colocava em pote de vidro pra iluminá a casa. Ele ficava com os olhos acesos” (C., 76 anos). “A gente usava o vaga-lume como broche” (N., 60 anos).
		Folguedos infantis	“Vaga-lume, vai, vai, que teu pai já vem. Vaga-lume vai, vaga-lume vem” (A., 68 anos).

“Brincava de botá as formigas pra brigar uma com as outras” (E., 76 anos).

“Quando já tava escurecendo, a gente pegava o vaga-lume colocava em pote de vidro pra iluminá a casa. Ele ficava com os olhos acesos” (C., 76 anos);

“A gente usava o vaga-lume como broche” (N., 60 anos).

Vaga-lume é o nome popular mais divulgado entre os brasileiros para denominar os besouros. Mas eles também são amplamente conhecidos como pirilampos em todo o Brasil. Estes insetos pertencem à ordem Coleoptera e possuem representantes em três famílias: Elateridae, Lampyridae e Phengodidae (LENKO & PAPAVERO, 1996). Os Lampyridae têm órgãos luminosos localizados nos últimos dois ou três segmentos abdominais. Na família Phengodidae, as fêmeas adultas de muitas espécies são luminescentes (BORROR & DELONG, 2005). Já os Elateridae emitem luz proveniente de dois órgãos luminosos de cada lado do pronoto, assinalados por manchas branco-amareladas (LENKO & PAPAVERO, 1996). No entanto, para o leigo, estas manchas dão a impressão de olhos e daí advém a confusão. Todos os entrevistados que relataram brincar com os vaga-lumes apontaram que a luz dos mesmos era proveniente dos seus olhos.

LENKO & PAPAVERO (1996) registraram os folguedos infantis com os vaga-lumes em diversas regiões brasileiras, assim como NEVES (1957) o fez para a região de Vitória, ES. As crianças capixabas tinham o costume de capturar os

vaga-lumes chamando-os pelo seguinte folguedo: “Vem cá, vaga-lume, vem cá, vaga-lume. Teu pai e tua mãe. Vem cá, vaga-lume, vem cá, vaga-lume”. Para Santa Catarina (BOITEUX, 1957 apud LENKO & PAPAVERO, 1996), tem-se registrado: “Vaga-lume, cai, cai, que teu pai vai lá, cum porrete na mão te botar no chão [...] Deixou tua mãe apanhando pitanga; tua mãe caiu e teu pai não viu [...] Vaga-lume, cai, cai! Que teu pai já vai numa mula petiça vendendo lingüiça. Teu pai caiu, tua mãe não viu”.

Neste estudo, um dos entrevistados narrou o seguinte folguedo: “Vaga-lume, vai, vai, que teu pai já vem. Vaga-lume vai, vaga-lume vem” (A., 68 anos).

O interessante é que nestes três folguedos chama-se explicitamente o vaga-lume e se tem a figura do pai ou da mãe do mesmo envolvida na cantiga.

Observou-se também a utilização de paquinhas (Orthoptera, Gryllotalpidae) nas atividades lúdicas de outrora: “Brincava de seguí o carreirinho da paquinha na praia pra mexê com ela” (H., 69 anos).

MARCONI (1976 apud LENKO & PAPAVERO, 1996) registrou, em outras regiões do Brasil, este tipo de brincadeira com as paquinhas, também conhecidas por grilos-toupeira:

“À tarde, na hora da medição do café colhido, [...], os meninos se divertem na caça à paquinha. Nessa hora, a paquinha costuma soltar um ruído fino e alto, estridente e contínuo. Ela faz um buraco na terra e nele se enterra.

*Os meninos, então, introduzem um pedaço de pau, [...] no buraco, impedindo assim que ela penetre na terra, e assim vão pegando diversas paquinhos”.*

Em diversos povoados de Alagoas, grilos (Gryllidae) são usados como brinquedos pelas crianças, que os aprisionam dentro de recipientes de vidro ou de plástico para ouvirem seu canto (COSTA-NETO, 1998).

#### Crenças relacionadas aos insetos

No decorrer das entrevistas, diversas histórias envolvendo não apenas insetos, mais outros animais, foram contadas. Estas histórias nascem da vivência das pessoas e são transmitidas, ao longo do tempo, cumprindo um papel na vida comunitária, ditando normas de conduta e regras de comportamento. Em parte, elas revelam como se dá a relação dos moradores do Ribeirão da Ilha com o mundo que os cerca.

Para os entrevistados da comunidade do Ribeirão da Ilha, a natureza das histórias, quando relacionadas aos insetos considerados como ‘maus’, quase sempre possui um tom de advertência sobre algo negativo que poderá ocorrer. Já as crenças que envolvem os insetos considerados ‘inofensivos ou mansos’, no geral, estão associadas a alguma benfeitoria, seja esta o recebimento de uma carta, de uma visita boa, de alegria, de dinheiro, de esperança ou anúncio de gravidez.

A aranha (Araneae), considerada dentro da etnocategoria inseto por 82% (41) dos entrevistados, foi um animal sempre temido por todos por ser considerada um animal mau e muito prejudicial: “*Tem aranha de cinco pernas e tem as de sete. As de sete são mais perigosas. Elas põe veneno na gente pela bunda*” (M.P., 77 anos).

No entanto, registrou-se um benefício proporcionado pela aranha na seguinte situação: “*Quando uma aranha está dentro da casa da gente, se a gente vê-la antes de tomar café significa que a gente vai receber dinheiro*” (Z., 64 anos). MARTINS (1994) reuniu em um livro as crenças registradas nas nove ilhas do arquipélago de Açores. Para os açorianos, a aranha pode anunciar a chegada de uma carta, com boas ou más notícias, de mau tempo, de morte ou dinheiro dependendo da situação em que se encontra: “*Ver uma aranha miúda é sinal de dinheiro, mas, para obtê-lo depressa, mata-se o inseto e diz-se: ‘aranha mostra dinheiro à minha porta’*”.

As percepções dos entrevistados em relação ao bicho-pau e ao louva-a-deus são registradas nos seguintes depoimentos: “*A mordida do bicho-pau e do lava-deus (louva-a-deus) podem até matar, é quase igual cobra*” (M.I., 63 anos) e “*O bicho-pau é muito perigoso. Se a gente toca nele, tem que sair correndo e tomar água antes dele senão morre*” (A., 52 anos).

Percepções semelhantes foram registradas no povoado de Pedra Branca/BA, cujos moradores acreditam ser o bicho-pau, por sua coloração e tamanho, possuidor de peçonha parecida à da cobra-de-cipó (COSTA-NETO, 2005). Além disso, referem-se aos bichos-paus verdadeiros

(Phasmatodea) como louva-a-deus-de-cobra. Por extensão, os louva-a-deus verdadeiros (Mantodea) também são mortos pela população devido à crença de que se transforma em ofídeos.

Os entrevistados do Ribeirão da Ilha identificaram como sendo dois animais distintos: o bicho-pau e o louva-a-deus. Porém, segundo eles, ambos possuem veneno poderoso e, por causa disso, são mortos. Resultado semelhante foi registrado por MARIANO-SILVA (2007) entre os funcionários do Centro de Informações Toxicológicas do Hospital Universitário (Florianópolis/SC), onde 39% dos entrevistados (14) afirmavam ter medo e/ou receio do louva-a-deus por ele ser um animal perigoso e/ou venenoso.

Já a borboleta (Rhopalocera) é um animal que todos os entrevistados disseram admirar pelo seu colorido e, talvez por este encantamento, elas foram associadas a encontros que significam o anúncio de coisas benéficas: “*Borboleta quando entra em casa quer dizer que a gente vai receber uma visita ou que alguma coisa boa vai acontecer, uma notícia, uma carta [...]*” (C., 76 anos).

Porém, as borboletas com cores mais discretas são percebidas do mesmo modo que as mariposas, ou seja, anunciam ou significam algo ruim. Não obstante, segundo os entrevistados, o pó proveniente das asas das mariposas (Lepidoptera, Heterocera), quando em contato com os olhos, pode levar à cegueira: “*Aquelas borboletas grandes com os olhos nas asas quando perto da gente ou em casa é mau agouro*” (L., 45 anos); “*A mariposa é uma bicha feia que traz coisa ruim. É só matá que ela solta um pêlo que nunca vi! Isso faz um mal grande pras vista da gente. Diz que cega*” (O., 63 anos).

A convicção no pó que cega está presente na maioria dos estados brasileiros (LENKO & PAPAVERO, 1996), chegando a receber a atenção de especialistas. MACHADO et al. (1984 apud COSTA-NETO, 2004), ao examinarem oftalmologicamente os olhos de cobaias penetrados com escamas de borboletas e mariposas, verificaram apenas sinais de irritação ocular tipo corpo estranho. Todavia, CARRERA (1991) salienta que fragmentos de cerdas abdominais de mariposas ou lagartas podem causar séria conjuntivite. Os entrevistados relataram ser apreensivos quanto às “bichas-cabeludas”, pois estas são lagartas que possuem cerdas urticantes, capazes de queimar ou de provocar cobreiro na pele.

As borboletas estão envoltas em um véu de mistério no mundo folclórico, tendo, popularmente, duplos significados (BASTOS, 1970). Talvez por esta relação dupla com as borboletas, onde algumas demonstram todo seu colorido e são consideradas boas, e outras por apresentarem uma aparência mais discreta são ligadas a malefícios, surgiu uma ladainha que é dita quando uma borboleta adentra uma casa: “*Borboleta, se for boa, vai e torna, se não for, vai pras terra das areia gorda*” ou “*Borboleta, se for boa, vai e torna; se não, não torna mais*” (M., 66 anos).

Moscas e mosquitos (Diptera), por serem considerados animais importunos, pois quando não sugam

sangue, irritam-nos com o seu zunido, são retratados em diversas credices populares (LENKO & PAPAVERO, 1996). Se considerarmos o asco que as pessoas têm para com estes insetos, é fácil entender porque tais credices os relacionam com malefícios. No presente estudo, registrou-se a seguinte credice: “*Mosca amarela rodeando a gente significa morte*” (E., 76 anos).

Esta crença apresenta indícios de que as moscas surgem no imaginário das pessoas a partir da observação de fatos reais retratados sob um ponto de vista especial. Isto é, a associação da mosca com a morte pode estar relacionada com o hábito das moscas varejeiras ou barejeiras (Família Calliphoridae) depositarem seus ovos em animais mortos ou carniça. Além disso, estas moscas possuem um colorido metálico verde e azul, que às vezes pode ser observado amarelado, que chama bastante a atenção.

Símbolo da música e da boemia, a cigarra é personagem de diversas histórias e estimada por muitos povos (LENKO & PAPAVERO, 1996). As cigarras pertencem à família Cicadidae (Homoptera) e apenas os machos são capazes de ‘cantar’. Ou seja, a contração brusca dos músculos faz vibrar as membranas distendidas em duas cavidades na face ventral da base do abdômen produzindo um som estridente (TRIPLEHORN & JOHNSON, 2005). Este canto, desde antes de Cristo até os dias de hoje, é associado à felicidade e à alegria (LENKO & PAPAVERO, 1996), como se registrou no Ribeirão da Ilha: “*A cigarra só traz alegria com o seu cantar*” (L., 79 anos). Além disso, pelo canto ser percebido na época de novembro e dezembro pelos entrevistados, estes associam-no à chegada do Natal.

No povoado de Pedra Branca/BA, os entrevistados disseram que a época da cigarra é de dezembro a março, algumas pessoas apreciam o seu canto, mas também há quem se sinta incomodado com o mesmo (COSTA-NETO, 2008). Além disso, às vezes, quando alguém esta cantarolando muito, no povoado costuma-se dizer o seguinte: “*Eita! Tu canta igual à cigarra!*” (COSTA-NETO, 2008).

O grilo verde é mais reconhecido pelo nome esperança. Isto se deve ao fato de muitas das suas espécies, da superfamília Tettigonoidea (Orthoptera), ter cor verde (MELLO-LEITÃO, 1944 apud NOMURA, 2006). Já os açorianos os designam apenas grilo verde e dizem que ele traz alegria para a casa e adivinha novo tempo (MARTINS, 1994). Os manézinhos afirmam que este inseto traz esperança, sorte, coisas boas para acontecer e também anuncia gravidez: “*Quando a gente vê o grilo verde diz: ‘esperança, quem espera sempre alcança. O que desejas será conforme’*” (C., 85 anos).

LENKO & PAPAVERO (1962) lembram que “as esperanças, insetos aparentados aos gafanhotos e grilos, são bem vistas pelo povo, especialmente quando pousam na roupa, por isso dá sorte”. Os entrevistados também relataram que: “*Não se pode matar a esperança porque ele não traz mais esperança*” (C., 76 anos) e “*Não se pode matar a esperança porque senão chama chuva*” (L., 77 anos).

Entretanto, não determinaram o motivo inicial pelo qual as esperanças são protegidas. Um estudo realizado em Alagoas e na Bahia por MARQUES (2005) obteve o seguinte relato:

“*Meu avô contou [...] que a esperança foi assim: ‘pois quando ela tava numa árvore olhando Nossa Senhora, quando deu a dor pra ter menino, ela tava doida pra vim visitar, mas com medo do galo comer ela. Ela ficou lá de cima, com o olho cumprido, pulando de alegria’*”.

De um modo geral, os entrevistados destes dois estados contam que matar uma esperança é um grande pecado já que ela é considerada um animal abençoado por ter rezado para Nossa Senhora ter São Deus Menino em paz e de modo tranquilo. MARQUES (2005) ainda aponta que seria possível pensar que todas as espécies de tetigoniídeos poderiam estar sendo etnoconservados ou conservados por mecanismos culturais, ou seja, que estas espécies não são mortas pela população devido às crenças que as envolvem.

Tanto para os açorianos (MARTINS, 1994) quanto para os entrevistados do Ribeirão da Ilha, o grilo preto ou o pardo são considerados chamarizes para desgosto, morte, doença ou azar; sendo de bom tom matá-los: “*Grilo pardo na casa da gente, com o seu cantar cri-cri, anuncia azar*” (G., 68 anos). Estas mesmas credices também foram registradas para o Estado de Alagoas e em Mogi das Cruzes/SP por NOMURA (2001).

Outras crenças que foram contadas pelos entrevistados revelam seu conhecimento sobre características de determinados insetos: “*A formiga taioca é danada pra mordê. Depois que ela morde, pode arrancá o corpo que ela continua agarrada na gente. Já a que a gente chama de saracutinga é menorzinha e não dá problema*” (M., 66 anos).

A descrição acima da formiga taioca faz alusão às formigas-de-correição do gênero *Eciton*, pois estas apresentam realmente a característica de permanecer com a mandíbula fechada ao objeto em que estavam agarradas mesmo que o restante do seu corpo seja arrancado. LENKO & PAPAVERO (1996) registraram o nome taioca para designar as formigas-de-correição em diversas partes do Brasil.

COSTA-NETO & RODRIGUES (2005), ao estudarem como as formigas são percebidas, reconhecidas e utilizadas pelos moradores do povoado de Pedra Branca/BA, registraram que os nomes formiga-de-bode, formiga-de-bosta e formiga-de-correição são sinônimos e relacionados às espécies *Camponotus blandus* e *C. atriceps*, sendo os dois primeiros nomes ligados ao comportamento de defesa destas espécies e o último, ao comportamento de forrageamento. Com estes exemplos, torna-se claro que o mesmo nome comum, formiga-de-correição, em regiões distintas do país é utilizado para designar diferentes espécies de formigas.

Os louva-a-deus possuem espinhos no primeiro par de pernas e estas, por muitas vezes, são mantidas juntas,

numa atitude de oração (LENKO & PAPAVERO, 1996). Este fato influenciou na determinação do nome Mantodea, já que este termo se origina do grego mantis (profeta). A posição do primeiro par de pernas também é usada pelos entrevistados no presente estudo para justificar o nome louva-a-deus: “*Esse é o louva-deus, tem esse nome porque quando ele vê a gente, põe as mãozinha pro céu pedindo pra Deus pra não ser morto*” (G., 49 anos).

Entretanto, a explicação científica para este fato está relacionada ao hábito predador deste animal. Em geral, eles ficam esperando pela presa com as pernas anteriores levantadas, o que lhes valeu o nome louva-a-deus (BORROR & DELONG, 2005).

As cobras (Squamata, Serpentes) fazem parte do universo folclórico do Ilhéu e para 50% (25) dos entrevistados são consideradas um “inseto” dos mais perigosos: “*As cobras são perigosas [...] tem época que morde com a boca e época que morde com o rabo. Se você mexe com ela, ela morre seca no lugar esperando a pessoa passar pra dar o bote*” (A., 75 anos); “*Quando a gente vê cobra se acasalando, deve tirá uma peça de roupa e por em cima delas que é pra chama dinheiro*” (C., 76 anos).

COSTA-NETO (2000) afirma que a categorização de animais de diferentes táxons científicos em um mesmo rótulo

parece constituir um padrão da classificação etnozoológica. Segundo este autor, as pessoas tendem a projetar sentimentos de nocividade, periculosidade e repugnância a insetos e não-insetos associando-os em uma mesma categoria, o domínio etnossemântico “inseto”.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que o folclore da comunidade do Ribeirão da Ilha, descrito pelos entrevistados, é extremamente rico em credices cujas personagens principais são insetos, como bicho-pau, borboleta, cigarra, esperança, grilo preto, louva-a-deus, mariposa, mosca e paquinha. Para a comunidade, tanto a aranha quanto a cobra são classificadas dentro da etnocategoria “inseto”. Além disso, insetos como cigarra, formiga, libélula, paquinha e vaga-lume eram utilizados em distintas brincadeiras pelos entrevistados quando eram crianças.

#### AGRADECIMENTOS

Aos moradores do Barro Vermelho, Freguesia do Ribeirão da Ilha e Costeira do Ribeirão, que aceitaram participar deste trabalho cedendo parte de seu tempo e conhecimentos; aos motoristas da UFSC e à PROINFRA – Pró-Reitoria de Infraestrutura/UFSC.

#### REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE UP & RSP LUCENA. 2004. Métodos e técnicas para coleta de dados, p. 37-62. In: UP ALBUQUERQUE & RSP LUCENA (Coords.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/NUPEEA.
- BASTOS WL. 1970. **Insetos no folclore**. Disponível online em <[http://www.jangadabrasil.com.br/revista/marco\\_88/es8800308.asp](http://www.jangadabrasil.com.br/revista/marco_88/es8800308.asp)>. Acesso em 28 de setembro de 2009.
- BORROR DJ & DM DELONG. 2005. **Introdução ao estudo dos insetos**. São Paulo: Edgard Blucher LTDA.
- CARRERA M. 1991. **Insetos de interesse médico e veterinário**. Curitiba: Editora da UFPR.
- COSTA-NETO EM. 1998. O significado dos Orthoptera (Arthropoda, Insecta) no Estado de Alagoas. **Sitientibus** 18: 9-17.
- COSTA-NETO EM. 2000. **Introdução à etnoentomologia: considerações metodológicas e estudo de casos**. Feira de Santana: UEFS.
- COSTA-NETO EM. 2004. Os insetos que ofendem: artrópodes na visão dos moradores da região da Serra da Jibóia, Bahia, Brasil. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas** 4 (1/2): 59-68.
- COSTA-NETO EM. 2005. O “louva-a-deus-de-cobra”, *Phibalosoma* sp. (Insecta, Phasmida), segundo a percepção dos moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia, Brasil. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas** 5(1): 33-38.
- COSTA-NETO EM. 2008. As cigarras (Hemiptera: Cicadidae) na visão dos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia, Brasil. **Boletín Sociedad Entomológica Aragonesa** 43: 453-457.
- COSTA-NETO EM & JGW MARQUES. 2000. Notas de etnoentomologia no estado de Alagoas, com ênfase na utilização medicinal de insetos, p. 83-97. In: EM COSTA-NETO. **Introdução à etnoentomologia: considerações metodológicas e estudo de casos**. Feira de Santana: UEFS.
- COSTA-NETO EM & RMFR RODRIGUES. 2005. As formigas (Insecta: Hymenoptera) na concepção dos moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia, Brasil. **Boletín Sociedad Entomológica Aragonesa** 37: 353-364.
- FERNANDES F. 1989. **O folclore em questão**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec.
- GULLAN PJ & RS CRANSTON. 2008. **The insects: an outline of entomology**. 2ª Ed. Oxford: Blackwell Science.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. 2009. **Sistema IBGE de Recuperação Automática, Censo Demográfico e Contagem de 2000**. Disponível online em <[www.sidra.ibge.gov.br/](http://www.sidra.ibge.gov.br/)>. Acesso em 19 de julho de 2009.
- INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS. 2009. **Informações Distritais, Distrito do Ribeirão da Ilha**. Disponível online em <[www.ipuf.sc.gov.br/pdp/informacoes\\_distritais/ribeiraodailha.pdf](http://www.ipuf.sc.gov.br/pdp/informacoes_distritais/ribeiraodailha.pdf)>. Acesso em 19 de julho de 2009.
- LENKO K & N PAPAVERO. 1962. Credices e proteção à fauna. **Chácara e Quintais** 105(1): 55-56.
- LENKO K & N PAPAVERO. 1996. **Insetos no folclore**. 2ª ed. São Paulo: Plêiade e FAPESP.
- MARIANO-SILVA FC. 2007. **Animais peçonhentos (!): pré-conceitos e relações com as pessoas – estudo realizado no Centro de Informações Toxicológicas de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Biológicas, UFSC.
- MARQUES JGW. 2005. É pecado matar a esperança, mas todo mundo quer matar o sariguê. Etnoconseqüência e catolicismo popular no Brasil, p. 25-44. In: AGC ALVES, UP ALBUQUERQUE & RFP LUCENA (Orgs.). **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia, vol. 2**. Recife: Nupeea/SBEE.
- MARTINS JHB. 1994. **Crenças populares da Ilha Terceira II – Alma do outro mundo, o diabo, encantados e varia**. Lisboa: Salamandra Ltda.
- MELO C. 2008. **O guia geográfico**. Disponível online em <<http://oguiageografico.wordpress.com/>>. Acesso em 01 de agosto de 2009.
- MINAYO MCS. 2003. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22ª ed. Petrópolis: Vozes.

- NAVARJO ML. 2006. Percepciones e importância de los insectos em el âmbito urbano de la Ciudad de México, México. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas** 6(4): 334-342.
- NEVES GS. 1957. **Vaga-lume, lume, lume**. Disponível online em <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/marco88/es8800308.asp>>. Acesso em 28 de setembro de 2009.
- NOMURA H. 2001. **Curiosidades folclóricas sobre os insetos**. São José dos Campos: Centro de Estudos da Cultura Popular, Prefeitura Municipal de São José dos Campos. Caderno de Folclore, 12.
- NOMURA H. 2006. Entomologia pitoresca I – Os insetos nas crenças, superstições e medicina popular. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas** 6(2): 145-158.
- PAGAZA-CALDERÓN EM, MS GONZÁLEZ-INSUASTI, RM PACHECO-OLIVEIRA & MT PULIDO. 2006. Importancia cultural, en función del uso, de cinco especies de artrópodos en Tlacuiltepec, Puebla, México. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas** 6(Especial): 65-71.
- PEREIRA NV. 2003. **Contributo açoriano para a construção do mosaico cultural catarinense: coletânea de trabalhos do autor versando a presença do Português açoriano na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Papa-livro.
- POSEY DA. 1987a. Introdução: Etnobiologia, teoria e prática, p. 15-25. *In*: D RIBEIRO (Ed.). **Suma Entomológica Brasileira. Etnobiologia**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/Finep.
- POSEY DA. 1987b. Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia, p. 251-272. *In*: D RIBEIRO (Ed.). **Suma Entomológica Brasileira. Etnobiologia**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/Finep.
- SANTOS-FITA D & COSTA-NETO EM. 2007. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozologia. **Biotemas** 20(4): 99-110.
- SANTOS-FITA D, S SÁNCHEZ-SALINAS, AF JIMÉNEZ & EM COSTA-NETO. 2006. Etnoentomología en el municipio de San Antonio Cuaxomulco, Tlaxcala, México: um estúdio de caso sobre los diferentes usos que se les dan a los insectos. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas** 6(Especial): 72-79.
- TRIPLEHORN CA & NF JOHNSON. 2005. **Borrer and DeLong's Introduction to the study of insects**. Belmont: Brooks/Cole.